

A alíquota do desespero

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A edição do Plano Real levou o País à fundada esperança de que se poderia viver, definitivamente, sem inflação. Desde seu anúncio em dezembro de 1993, a sua implantação provisória com a busca de um indexador único (URV), em março de 1994, e o seu perfil final definido em julho do mesmo ano, com a introdução do Real, ficou a impressão de que, desta vez, um plano econômico do governo, seria bem-sucedido.

Melhor elaborado que os anteriores, pois ao adotar um indexador único, permitindo que em três meses todos os demais indexadores fossem substituídos pela URV, no momento em que a economia se viu amarrada a um único indicador da inflação, sua transformação em real fez com que a superinflação terminasse em um dia, isto é, no dia em que aquela moeda de conta passou a ser também moeda de pagamento.

Lastreado, por outro lado, em sólidas reservas (42 bilhões de dólares) e em uma base monetária inferior às reservas, pôde o governo, em 30/6/94, garantir que cada real emitido estaria garantido por divisas detidas por ele próprio, ofertando patamar de tranquilidade que os outros países latino-americanos não tiveram.

A âncora cambial, todavia, é insuficiente para manter a

longo prazo qualquer plano, pois se não estiver acompanhada de rígido controle do "déficit público" e da capacidade de se manter saldos na balança comercial, com incentivo à produção interna, a pressão pela cobertura dos "déficits" com emissão de moeda e queda de competitividade externa e interna da indústria nacional, acaba, como

de 25% e uma redução média de 15% das tarifas aduaneiras, levando o produto estrangeiro de 30 de junho a 31 de dezembro a ter um benefício sobre o nacional de 55%, além de não ter a carga tributária que os produtos nacionais suportam.

A crise mexicana, de um lado, e o amadorismo da equipe do Banco Central, de outro, que é constituída de esplendi-

A ÂNCORA CAMBIAL É INSUFICIENTE PARA MANTER A LONGO PRAZO QUALQUER PLANO

ocorreu em outros países, por gerar novo ciclo inflacionário, que pode ser seguido de estagflação.

Em inúmeros artigos para revistas especializadas e para jornais, bem como em programas de televisão, exteriorizei minhas preocupações com o curso do Plano Real, na medida em que o governo jogava todas as suas fichas na "âncora cambial", descuidando de outros pontos, e o que é pior, abrindo indiscriminadamente as importações para conter altas de preços internos. Denominei a política governamental de "protecionismo às avessas", visto que no fim de 1994, havia uma deflação em dólar de 15%, uma inflação em real

dos acadêmicos, acarretaram ao País perda de 12 bilhões de dólares de suas reservas, sobre gerarem preocupante "déficit" na balança comercial, além da desastrosa adoção de "bandas" para o dólar, menos por sua necessidade e mais pela infeliz forma de comunicação. O desespero provocado pela imposição de uma alíquota de 70% de Imposto de Importação sobre os produtos que mais pressionam a pauta dos importados no País não é, senão, a consequência da série de equívocos verificados.

Estou convencido que a medida agora adotada é necessária, embora tenha receio de que seja insuficiente. Poderia o governo pressionar os Estados

para eliminar o ICMS das exportações, hoje em torno de 9% sobre todos os semi-elaborados, ou poderia eleger uma política de cotas de importação. Preferiu, todavia, utilizar a alíquota de 70% para compensar a leviana e irresponsável redução para 20% de 13.000 itens da pauta de importação (realizada pelo Ministério anterior)!!!

Estou convencido que se a preservação das reservas e dos mercados tivesse sido realizada à época, não permitindo o "saque" das divisas pela insensatez da abertura realizada, hoje poderia o governo estar em situação muito mais sólida e não precisaria da adoção de uma alíquota de desespero, como aquela que foi obrigada a impor.

Infelizmente, estamos pagando o preço do excesso de academicismo e escassez de profissionalismo daquela equipe que, sob a tutela de Ciro Gomes, levou o País à encruzilhada de que poderá sair, se conseguir, ao lado dos acadêmicos, colocar operadores de mercado. Apenas as alternativas, agora, são menores.

O AUTOR

Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito da Universidade Mackenzie



0424 JT 05.04.95